

# Trabalho docente: Que aspectos sociodemográficos e ocupacionais predizem o bem-estar subjetivo?

Sandra Souza da Silva Chaves

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Patrícia Nunes da Fonsêca

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo conhecer quais os aspectos sociodemográficos e ocupacionais que melhor predizem o bem-estar subjetivo de professores das escolas públicas e privadas do estado da Paraíba que estão cursando Pedagogia em regime especial. Participaram 313 professores, que responderam a *Escala de Afetos Positivos e Negativos*, a *Escala de Vitalidade*, o *Questionário de Saúde Geral – QSG-12* e a *Escala de Satisfação com a Vida* e perguntas socioocupacionais. Dentre os resultados encontrados, destacam-se o grau de satisfação no trabalho, o grau de percepção de reconhecimento da equipe escolar e dos pais dos alunos e estado civil como variáveis preditoras de bem-estar. Sugerem-se replicação do estudo com estudantes de pedagogia que não estejam realizando o curso em regime especial, e ainda, com professores já estabilizados no mercado de trabalho, com formação superior que não necessitem buscar um título para manter-se no emprego.

**Palavras-chave:** Bem-estar; professores; dados sociodemográficos e ocupacionais.

## ABSTRACT

*Teacher's Work: Which demographic and occupational aspects predict subjective well-being?*

The objective of this study is to find out to know the importance socio-demographic and occupational factors for subjective well-being of private and public school primary teachers in the State of Paraíba. Participated 313 teachers who answered the Positive and Negative Affection Scale, the Vitality Scale, the General Health Questionnaire – QSG-12 (GHQ), the Life Satisfaction Scale together with some social-demographic and occupational questions took part in this research. Among the findings, point out the level work satisfaction, the level perception of recognition of work's colleague, students's parents and marital status how predicting well-being. Suggest future research with Pedagogy's students don't be in special regime, and more, with teachers higher's formation.

**Key words:** Subjective well-being; teachers; socialdemographic and occupational.

## INTRODUÇÃO

A saúde mental do trabalhador tem se tornado uma temática de interesse na Psicologia Organizacional e do Trabalho, visto a sua evidente importância para a presente conjuntura socioeconômica, devido às transformações decorrentes da globalização e suas consequências para o trabalhador, para as organizações e para a sociedade. Como exemplo dessa amplitude de transformações, observa-se a flexibilização, as diferentes formas de contrato e as jornadas de trabalhos.

A ciência psicológica contribui efetivamente nessa área da saúde do trabalhador à medida que pode propor a prevenção ou a proteção à saúde, de modo a re-

duzir a exposição a fatores de risco e melhorando as condições de trabalho (Sauter e Hurrell Jr., 1999). A ênfase das pesquisas nessa área tem se voltado, de forma predominante, para a questão da doença no trabalho em detrimento dos aspectos de satisfação no campo profissional, como pode ser visto nos estudos que se centram no *stress*, na síndrome de Burnout, na depressão e na ansiedade (Carlotto, 2002; Carlotto e Câmara, 2004; Ferenhof e Ferenhof, 2002; Moreno-Jimenez, Garrosa-Hernandez, Gálvez, Gonzáles e Benevides-Pereira, 2002).

Por outro lado, pouco se tem estudado sobre como as emoções positivas podem contribuir com a saúde

(Chaves, 2003). Nesse caso, tem-se a perspectiva do estudo do bem-estar subjetivo, cujas pesquisas têm crescido de modo considerável, tendo em vista a importância que este aspecto apresenta à saúde do trabalhador.

Diante desta realidade, realizou-se o presente trabalho com o objetivo de conhecer quais dos aspectos sociodemográficos e ocupacionais de professores das escolas públicas e privadas do estado da Paraíba que melhor predizem o bem-estar subjetivo desses profissionais.

Segundo Diener e Lucas (2000), o bem-estar subjetivo se refere ao que as pessoas *pensam* e como elas se *sentem* sobre suas vidas. Desse modo, pode-se entender que o bem-estar é composto por dois componentes: o *cognitivo*, chamado satisfação com a vida; e o *afetivo*, identificado pelos afetos positivo e negativo. O primeiro diz respeito aos aspectos racionais e intelectuais, por exemplo, quando a pessoa faz um julgamento avaliativo consciente sobre a sua vida como um todo, ou de áreas específicas, como o lazer ou o trabalho; o segundo envolve os componentes emocionais, isto é, a adição dos humores e emoções, por exemplo, quando a pessoa experiencia emoções prazerosas ou desprazerosas.

Diener, Suh, Lucas e Smith (1999), fazendo um levantamento sobre as pesquisas iniciais acerca do bem-estar subjetivo, verificaram que se buscava avaliar este construto a partir de uma declaração de felicidade levando em consideração as condições objetivas que as pessoas possuíam. Isto é, uma pessoa feliz seria considerada jovem, saudável, bem educada, otimista, livre de preocupações, etc.

Entretanto, conforme os autores citados anteriormente, os estudos mais recentes trazem à tona o caráter subjetivo do bem-estar, identificando que não são apenas as condições sociodemográficas por si mesmas (estado civil, idade, sexo, renda, raça etc.) determinantes da sensação de bem-estar gozada pelas pessoas, mas, além disso, a conjugação destas condições com os processos internos ao próprio indivíduo, isto é, seus processos interiores ajudando a determinar como as circunstâncias externas são percebidas, o que pode refletir na sua avaliação geral do bem-estar. Em estudos recentes (DeNeve, e Cooper, 1998; Diener, 2000; Diener, Suh, Lucas e Smith, 1999; Dubé, Jodoin, e Kairouz, 1998) dão ênfase sobre as bases cognitivas do bem-estar subjetivo, ampliando cada vez mais a noção de felicidade.

Portanto, observa-se, com frequência, que nas pesquisas sobre o bem-estar subjetivo as variáveis sociodemográficas apresentam uma correlação muito fraca com este construto, como, idade, educação, status

étnico, etc. Entretanto, Diener, Suh e Oishi, (1997), ao fazerem um levantamento sobre os recentes achados nas pesquisas sobre o bem-estar subjetivo, encontraram que apenas algumas variáveis sociodemográficas parecem ser preditoras na configuração do bem-estar, como, o casamento. Esse fato parece ser justificado a partir do momento em que esse estado civil promove uma condição de apoio social para o indivíduo, aspecto que permite ao indivíduo sentir-se ajudado diante de situações preocupantes.

De igual modo, Mookherjee (1997), em pesquisa realizada nos Estados Unidos, encontrou uma relação positiva entre a condição marital e o bem-estar físico e psicológico tanto em homens quanto em mulheres, sendo estas as que mais apresentam satisfação com a vida.

Já Solomou, Richards, Huppert, Brayne e Morgan (1998) ao pesquisarem a condição de divorciados e recasados, verificaram que as pessoas divorciadas apresentavam níveis baixo de engajamento social e satisfação com a vida. Porém, quando os divorciados estavam envolvidos em nova relação, percebiam o casamento como uma segura fonte de suporte social.

Diener, Gohm, Suh e Oishi (2000) buscando identificar como a variável bem-estar se comportava em relação ao estado civil em diferentes culturas, realizaram uma ampla pesquisa envolvendo 42 nações e concluíram que a relação entre bem-estar subjetivo e casamento é bastante semelhante entre os povos. Especificamente identificaram que os benefícios do casamento são maiores em países coletivistas do que em países individualistas.

Diener e cols. (1997) observaram também diferenças no sentimento de bem-estar nos relatos de pessoas oriundas de países ricos e pobres, evidenciando que as condições econômicas influenciam no bem-estar das pessoas quando as necessidades físicas estão estancadas, porém ao aumentar o perfil de riqueza acima de um certo nível, o bem-estar parece não sofrer diferença.

Essas considerações a respeito das variáveis sociodemográficas levaram os pesquisadores a estudar o processo de adaptação às novas condições de vida. Desse modo, verificaram que o bem-estar sofre pequenas alterações diante de eventos externos porque o indivíduo tende, a princípio, reagir fortemente frente aos acontecimentos, mas depois, em função do processo de adaptação, voltam às mesmas bases que os sustentavam anteriormente ao evento (Diener e cols, 1997).

Chaves, Gouveia, Gusmão, Santos e Araújo (2002) estudando a variável sexo e bem-estar subjetivo, verificou que os homens gozavam de maior bem-estar do que as mulheres no contexto da população geral da

cidade de João Pessoa – PB. Os homens pontuaram mais alto nos *afetos positivos* ( $M = 24,62$ ), bem como na pontuação total do *bem-estar* ( $M = 0,12$ ) do que as mulheres ( $M = 23,19$ ;  $M = -0,12$ , respectivamente). O sexo feminino pontuou mais alto em *depressão* ( $M = 1,96$ ) do que os homens ( $M = 1,75$ ). Observou-se também que não houve diferença significativa entre a classe social dos participantes e os indicadores de bem-estar.

Ademais, considerando estudos em outras culturas, observou-se que existe igualmente uma diferenciação entre os sexos e o bem-estar. Hutchinson e cols. (2004) buscando identificar as variáveis que melhor predizem o bem-estar psicológico na Jamaica, encontraram que as mulheres apresentaram mais baixo nível de bem-estar psicológico e satisfação com a vida do que os homens. Por outro lado, variáveis como casamento, emprego e idades mais jovens foram melhores preditores de satisfação com vida.

Quanto à variável idade, Ehrlich e Isaacowitz (2002) verificaram uma significativa diferença na satisfação com a vida entre grupos de idade. Isto é, encontraram evidência de que alguns componentes do bem-estar subjetivo, como, a resposta emocional, parecem aumentar com a idade, enquanto que a variável satisfação com a vida permanece estável ao longo do tempo.

Como pode ser observado, as variáveis sociodemográficas influenciam de alguma forma o bem-estar subjetivo. A partir de então, estudar o bem-estar na categoria ocupacional dos professores tem se tornado foco de evidência dos estudos sobre a saúde mental, principalmente, após a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/96), uma vez que exige que os professores possuam o nível superior ou o devam estar cursando até o ano de 2006. Com isto, iniciou-se uma onda de discussões acerca da formação do docente no Brasil que culminou com a regulamentação por parte do Governo de cursos de licenciatura nas Universidades e nos Institutos Superiores de Educação com condições especiais de funcionamento (Pereira, 1999).

Esta decisão governamental teve por finalidade promover oportunidades para os professores cursarem o nível superior, especialmente, aqueles que estavam em sala de aula, exercendo o magistério, e que, portanto, necessitariam de um curso que oferecesse condições especiais de funcionamento.

Refletindo sobre as transformações do mundo do trabalho, Esteve (1999) afirma que as mudanças excessivas na vida dos profissionais em um curto período de tempo são demasiadamente desastrosas, de sorte que essas podem vir a provocar sérios problemas à saúde.

No que diz respeito ao trabalho dos professores, os estudos sobre o bem-estar têm observado que o contexto socioocupacional é um fator importante no desempenho desses profissionais (Martinez, Paraguay e Latorre, 2004). Como ressalta Oliveira (2003) em sua pesquisa sobre *O sentido do trabalho para professores da primeira fase do ensino fundamental de escolas públicas do município de João Pessoa – PB*, as condições e o modo como o trabalho é organizado pode afetar a saúde do trabalhador, mesmo que isso não implique em adoecimento.

Mariano (2003) afirma que a falta de recursos didáticos é um ponto bastante comum na fala dos professores, visto ser algo que os impossibilitam de executar suas tarefas satisfatoriamente. Cartollo (2004) dá ênfase à sobrecarga de atribuições impostas ao professor, que além de realizar atividades em classe, deve obrigatoriamente fazer trabalhos administrativos, planejamentos, orientações aos alunos e atendimentos aos pais. Além de todas esses aspectos, a questão salarial figura como um motivo a mais para o problema do docente, pois pelo fato da remuneração não ser suficiente para as necessidades desses profissionais, esses se vêem obrigados a trabalharem em mais de uma instituição, fato que favorece ao isolamento, estress e insatisfação profissional.

No presente estudo, investigou-se a predição das variáveis sociodemográficas e ocupacionais que possam interferir no bem-estar do professores das escolas públicas e privadas do estado da Paraíba.

## MÉTODO

### Amostra

Participaram deste estudo 313 professores de escolas públicas e privadas do estado da Paraíba que cursavam Pedagogia em Regime Especial. Como pode ser visto na Tabela 1, a idade variou entre 18 a 58 anos ( $M = 33,6$ ;  $DP = 9,09$ ), sendo 91,4% do sexo feminino; 52,4% casadas e 47,9% da rede pública.

Com relação à fase educacional ensinada pelos professores, verificou-se que 48,2% lecionam no ensino fundamental (1ª fase), 35,5% na educação infantil e 11,8% no ensino fundamental (2ª fase). A maior parte dos profissionais tinha um tempo de serviço acima de 12 anos (28,1%), seguido daqueles que trabalham no intervalo de 3 a 5 anos (27,5%).

A respeito da satisfação dos professores com relação ao trabalho, 38% desses profissionais relataram estar muitos satisfeitos. Ademais, 35,8% relataram que recebiam reconhecimento pelo seu trabalho dos diretores, supervisores e pais de alunos.

TABELA 1  
Características sociodemográficas dos professores do ensino (N = 313)

<i>Características</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
<b>Sexo</b>		
Feminino	286	91,4
Masculino	24	7,7
<b>Estado Civil</b>		
Casado/Convivente	165	52,7
Solteiro	116	37,1
Viúvo	6	1,9
Separado/Divorciado	23	7,3
<b>Instituição</b>		
Pública	150	47,9
Privada	132	42,2
Pública/privada	28	8,9
<b>Fase</b>		
Educação Infantil	111	35,5
Fundamental 1ª. fase	151	48,2
Fundamental 2ª. fase	37	11,8
Outros	14	4,4
<b>Tempo de Serviço</b>		
Até 2 anos	47	15
De 3 a 5 anos	86	27,5
De 6 a 8 anos	38	12,1
De 9 a 12 anos	52	16,6
Acima de 12 anos	88	28,1
<b>Numero de escolas em que trabalha</b>		
1	234	74,8
2	69	22,0
3	6	1,9
4	3	1,0
<b>Grau satisfação</b>		
Nenhum	5	1,6
Pouco	17	5,4
Mais ou menos	80	25,6
Muito	119	38
Totalmente	80	25,6
<b>Grau reconhecimento</b>		
Nenhum	21	6,7
Pouco	31	9,9
Mais ou menos	85	27,2
Muito	112	35,8
Totalmente	56	17,9

## Instrumentos

Os participantes responderam um questionário constando de 5 partes:

1. *Escala de Afetos Positivos e Negativos*. Esta escala foi originalmente elaborada por Diener e Emmons (1984, citados em Reis, Sheldon, Gable, Roscoe e Ryan, 2000) para avaliar a valência dos afetos. Ela é formada por nove adjetivos, sendo 4 positivos e 5 negativos. Os afetos positivos são: feliz, alegre, satisfei-

to e divertido; e os negativos são: deprimido, preocupado, frustrado, raivoso e infeliz. Com o objetivo de equilibrar o número de adjetivos para ambos os tipos de afetos, foi acrescentado mais um adjetivo para o afeto positivo: *otimista* (Chaves, 2003). O instrumento avalia quanto o participante tem experienciado cada uma dessas emoções nos últimos dias. Os itens são respondidos numa escala de sete pontos, variando de 1 = *Nada* a 7 = *Extremamente*.

2. *Escala de Vitalidade*. Este instrumento foi originalmente elaborado por Ryan e Frederick (1997). Esta medida avalia o grau em que o participante tem se sentido em termos de vigor físico, mental e alerta, nos últimos dias e seus parâmetros psicométricos têm se mostrado adequados em estudos recentes (Kasser e Ahuvia, 2002; Kasser e Ryan, 1993; Nix, Ryan, Manly e Deci, 1999). Compõe-se de sete itens (por exemplo, tenho energia e disposição; sinto-me vivo e cheio de vitalidade), cujas respostas devem ser dadas em uma escala de sete pontos, indo de 1 = *Nada Verdadeiro* a 7 = *Totalmente Verdadeiro*.

3. *Questionário de Saúde Geral, QSG-12*. Este instrumento compreende uma versão abreviada do *Questionário de Saúde Geral de Goldberg*, adaptado para o Brasil por Pasquali, Gouveia, Andriola, Miranda e Ramos (1994). O *QSG-12*, como seu nome sugere, compõe-se de 12 itens (por exemplo, tem se sentido pouco feliz e deprimido; tem perdido a confiança em si mesmo). Cada item é respondido em termos do quanto à pessoa tem experimentado os sintomas descritos, devendo sua resposta ser dada em uma escala de quatro pontos.

4. *Escala de Satisfação com a Vida*. Esta medida foi elaborada originalmente por Diener, Emmons, Larsen e Griffin (1985), tendo sido realizados estudos recentes que atestam a adequação dos seus parâmetros psicométricos (Pavot e Diener, 1993). Compõe-se de cinco itens (por exemplo, estou satisfeito com minha vida; as condições da minha vida são excelentes), respondidos em escala tipo *Likert*, variando de 1 = *Discordo Totalmente* a 7 = *Concordo Totalmente*.

5. *Informações Socioocupacionais*. Um conjunto de 18 perguntas foi formulado visando caracterizar a amostra, a exemplo de idade, sexo, tempo de serviço, instituição que ensina.

## Procedimento

Após prévio contato com os coordenadores e professores do curso de Pedagogia, onde foi explicado o objetivo geral do estudo, os pesquisadores foram autorizados a percorrerem as salas de aula da universidade e convidarem os professores, que ali estavam como

alunos, a participarem. Neste ensejo, foi-lhes garantido o anonimato e o sigilo das respostas. Prosseguiu-se com aplicação coletiva, onde os participantes responderam o questionário voluntariamente. O tempo médio para o preenchimento dos questionários foi de 25 minutos.

### Análise dos dados

Para efetuar as análises descritivas (média, desvio padrão, frequência e porcentagem) e a regressão linear múltipla, utilizou-se o *Pacote Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS – Statistical Package for the Social Sciences, Windows 11.5)*.

## RESULTADOS

Com o objetivo de verificar quais as variáveis sociodemográficas e ocupacionais que melhor predizem o bem-estar subjetivo dos professores decidiu-se considerar o *número de escolas em que esses profissionais trabalhavam*, a *idade*, o *estado civil*, o *tempo de serviço*, o *grau de satisfação* e a *percepção do profissional acerca do reconhecimento do seu trabalho* por parte dos diretores das instituições de ensino e dos pais dos alunos, como variáveis antecedentes e o bem-estar como variável critério. Adotou-se como método de regressão, o padrão.

Na Tabela 2, verifica-se que o grau de satisfação apresentou o maior índice de regressão ( $\beta$ ), seguido do grau de reconhecimento e do estado civil, variáveis essas que permitiram explicar satisfatoriamente o bem-estar subjetivo ( $F[2,233] = 9,46$ ,  $p < 0,001$ ;  $R_{\text{múltiplo}} = 0,44$ ,  $R^2_{\text{ajustado}} = 0,17$ ). De acordo com esses resultados, observa-se que algumas condições sociodemográficas e ocupacionais dos professores, a exemplo do que foi citado, são as maiores indicadoras do bem-estar.

TABELA 2

Análise Regressão Múltipla para o bem-estar subjetivo, tendo como preditores variáveis sociodemográficas e ocupacionais

Preditores	Bem-Estar Subjetivo		
	B	Beta	t
Número de escolas em que trabalha	0,04	0,02	0,39
Idade	-0,01	-0,11	-1,57
Estado civil	0,15	0,13	2,28 *
Tempo de serviço	0,01	0,02	0,29
Grau de satisfação	-0,31	-0,30	-4,59 ***
Grau de reconhecimento	-0,16	-0,18	-2,76 **

$R = 0,44$ ;  $R^2_{\text{ajustado}} = 0,17$

$F(6,233) = 9,46^{***}$

NOTAS: \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ .

## DISCUSSÃO

O objetivo deste trabalho foi conhecer quais dos aspectos sociodemográficos e ocupacionais de professores das escolas públicas e privadas do estado da Paraíba que melhor predissessem o bem-estar subjetivo desses profissionais.

É curioso observar que, embora a literatura sinalize com uma certa frequência, que as variáveis sociodemográficas apresentam uma correlação muito fraca com o bem-estar (Diener e cols., 1997), a presente pesquisa apontou na direção de que essas variáveis têm um importante papel na explicação desse construto.

Como pode ser observado, os resultados forneceram alguns indicadores relevantes sobre o bem-estar subjetivo do trabalho docente. Nesse sentido, um aspecto que merece ser destacado refere-se à variável grau de satisfação com o trabalho predizendo significativamente a sensação de bem-estar.

A existência da satisfação como preditora do bem-estar nestes resultados, pode estar refletindo o momento atual do docente, quando a partir das exigências do mundo do trabalho advindas com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/96) (Perreira, 1999), os professores são obrigados a cursar o nível superior, o que, se por um lado é uma situação de stress (sobrecarga de atividades), por outro, pode indicar uma situação de contentamento desses profissionais em vista de estarem em busca de um nível educacional mais elevado, aspecto que pode elevar sua auto-estima.

Embora Esteve (1999) considere que as mudanças excessivas em um curto período de tempo possam provocar problemas à saúde dos profissionais, os resultados desta pesquisa podem estar refletindo exatamente um efeito contrário. Isto é, essas mudanças do contexto da vida docente podem estar influenciando positivamente no bem-estar, na medida em que percebem que estão fazendo um investimento em si próprios na aquisição de um curso superior, refletindo assim na imagem do profissional diante da sociedade como um todo. Isso reforça o sentimento de satisfação e valorização do seu trabalho.

Ademais, tal resultado pode também ser considerado, a partir do que a literatura revela, como um fenômeno no processo de enfrentamento das pessoas diante de eventos externos. Trata-se do processo de adaptação às novas condições de vida. Logo de início, o indivíduo tende a reagir ao acontecimento, mas logo em seguida tende a voltar às mesmas bases anteriores, influenciando tenuamente o bem-estar das pessoas (Diener e cols., 1997). Nessa condição, a amostra pesquisada pode já ter se utilizado desse enfren-

tamento diante das exigentes imposições do mercado de trabalho, vivendo agora uma fase de satisfação com essa nova atividade em suas vidas.

Quanto à percepção do reconhecimento, variável igualmente preditora do bem-estar nesta pesquisa, Carlotto (2004) encontrou que os professores se sentem realizados, na medida em que têm o reconhecimento daquelas pessoas para as quais prestam seus serviços. Da mesma forma, Mendes e Tamayo (2001) ressaltam que o trabalhador quando se sente valorizado, percebe que seu trabalho é importante para si, para a empresa e para a sociedade, reforçando positivamente sua auto-imagem.

Corroborando com os estudos anteriores, os resultados da presente pesquisa indicaram que, independente de serem de escolas públicas ou privadas, os professores do ensino fundamental perceberam que há um reconhecimento do seu trabalho, por parte da comunidade escolar (diretores, coordenadores, alunos, etc.) e dos pais dos alunos, o que fez com que eles gozassem de bem-estar, usufruindo de sentimentos positivos, vitalidade e satisfação no trabalho, caracterizando assim a multidimensionalidade desse construto.

No que diz respeito à variável estado civil, o resultado demonstrou que o casamento é um preditor de bem-estar subjetivo, o que vem corroborar com os achados de pesquisas anteriores (Diener e cols., 1997; Diener., 2000; Mookherjee HN, 1997; Solomou e cols., 1998). A evidência desse resultado pode estar refletido no apoio social que o casamento possibilita aos professores tendo em vista o contexto de sobrecarga de atividades dos participantes, que se dedicam simultaneamente ao estudo e ao trabalho.

## CONCLUSÃO

De um modo geral, estes resultados encontraram apoio no que Martinez e cols. (2004) colocam como pontos de reflexão sobre as ações promotoras de satisfação no trabalho. Segundo as autoras, é necessário reestruturar as formas de reconhecimento e valorização dos trabalhadores e, entre outras, implementar níveis de apoio social.

A partir do exposto, evidenciaram-se questões importantes relacionadas ao contexto socioocupacionais do corpo docente, que podem influenciar diretamente no sentimento do bem-estar. Segundo Mendes e Tamayo (2001), o sofrimento não aparece frequentemente como fator predominante no contexto de trabalho, quiçá porque faz parte da condição humana de buscar primordialmente o prazer em detrimento da dor, encontrando alternativas para transformar, modificar ou tão-somente minimizar o sofrimento.

Embora estes resultados demonstrem a importância de algumas variáveis no bem-estar, ainda apresentam limitações principalmente no que diz respeito à amostra e seu contexto de organização do trabalho. Não foi possível identificar o contexto específico de trabalho desses profissionais, como, quais os professores de escolas públicas ou privadas, em que políticas educacionais esses contextos se diferenciam e, por fim, de que maneira esses docentes vivenciam o caráter macro-social destas mudanças no campo de trabalho. Além disso, sugere-se a replicação do estudo com estudantes de pedagogia que não estejam realizando o curso em regime especial, e ainda, com professores já estabilizados no mercado de trabalho, com formação superior que não necessitem buscar um título para manter-se no emprego.

## REFERÊNCIAS

- Carlotto, M. S. (2002). A síndrome de burnout e o trabalho docente. *Psicologia em Estudo*, 7, 1, 21-29.
- Carlotto, M. S. (2004). Síndrome de burnout e características de cargo em professores universitários. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 4, 2, 145-162.
- Carlotto, M. S. & Câmara, S. G. (2004). Análise fatorial do Maslach Burnout Inventory (MBI) em uma amostra de professores de instituições particulares. *Psicologia em Estudo*, 9, 3, 499-505.
- Chaves, S. S. S. (2003). *Valores como preditores do bem-estar*. [Dissertação de Mestrado], Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Chaves, S. S. S., Gouveia, V. V., Gusmão, E. E. S., Santos, W. S. & Araújo, J. M. A. (2002). O bem-estar subjetivo em função do sexo e da classe social. Trabalho apresentado no CCHLA – Conhecimento em Debate – VI edição, João Pessoa, Paraíba.
- DeNeve, K. M. & Cooper, H. (1998). The happy personality: A meta-analysis of 137 personality traits and subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 124, 1, 197-229.
- Diener, E. (2000). Subjective well-being: The science of happiness and a proposal for a national index. *American Psychologist*, 55, 1, 34-43.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J. & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 1, 71-75.
- Diener, E. & Lucas, R. E. (2000). Explaining differences in societal levels of happiness: Relative standards, need fulfillment, culture, and evaluation theory. *Journal of Personality Assessment*, 1, 1, 41-78.
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being. Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125, 2, 276-302.
- Diener, E.; Suh, E. M. & Oishi, S. (1997). Recent findings on subjective well-being. *Indian Journal of Clinical Psychology*, 24, 1, 25-41.
- Dubé, L., Jodoin, M. & Kairouz, S. (1998). On the cognitive basis of subjective well-being analysis: What do individuals have to say about it?. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 30, 1, 1-13.
- Ehrlich, B. S. & Isaacowitz, D. M. (2002). Does subjective well-being increase with age?. *Perspective in Psychology*, 3, 1, 20-26.

- Esteve, J. M. (1999). *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: EDUSC.
- Ferenhof, I. A. & Ferenhof, E. A. (2002). Burnout em professores. *Revista Científica – Avaliação e Mudança – Centro Universitário Nove de Julho*, 4, 1, 131-151.
- Hutchinson, G., Simeon, D. T., Bain, B. C., Wyatt, G. E. Tucker, M. B. & Lefranc, E. (2004). Social and health determinants of well being and life satisfaction in Jamaica. *International Journal of Social Psychiatry*, 50, 1, 43-53.
- Kasser, T. & Ahuvia, A. (2002). Materialistic values and well-being in business students. *European Journal of Social Psychology*, 32, 1, 137-146.
- Kasser, T. & Ryan, R. M. (1993). A dark side of the american dream: Correlates of financial success as a central life aspiration. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, 2, 410-422.
- Mariano, M. S. S. (2003). *Trabalho e saúde mental das professoras da segunda fase do ensino fundamental da rede pública do município de João Pessoa-PB*. [Dissertação de Mestrado], Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Martinez, M. C.; Paraguay, A. I. B. B. & Latorre, M. R. D. O. (2004). Relação entre satisfação com aspectos psicossociais e saúde dos trabalhadores. *Revista Saúde Pública*, 38, 1, 55-61.
- Mendes, A. M. & Tamayo, A. (2001). Valores organizacionais e prazer-sofrimento no trabalho. *Psico-USF*, 6, 1, 39-46.
- Mookherjee HN. (1997). Marital status, gender, and perception of well-being. *Journal Social of Psychology*, 137, 1, 95-105.
- Moreno-Jimenez, B.; Garrosa-Hernandez, E.; Gálvez, M.; González, J. L. & Benevides-Pereira, A. M. T. (2002). A avaliação do Burnout em professores. Comparação de instrumentos: CBP-R e MBI-ED. *Psicologia em Estudo*, 7, 1, 11-19.
- Nix, G. A., Ryan, R. M., Manly, J. B. & Deci, E. L. (1999). Revitalization through self-regulation: the effects of autonomous and controlled motivation on happiness and vitality. *Journal of Experimental Social Psychology*, 35, 1, 266-284.
- Oliveira, T. S. (2003). O sentido do trabalho para professores da primeira fase do ensino fundamental de escolas públicas do município de João Pessoa-PB. [Dissertação de Mestrado], Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Pasquali, L., Gouveia, V. V., Andriola, W. B., Miranda, F. J. & Ramos, A. L. M. (1994). Questionário de Saúde Geral de Goldberg (QSG): Adaptação brasileira. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10, 3, 421-437.
- Pavot, W. & Diener, E. (1993). Review of the Satisfaction With Life Scale. *Psychological Assessment*, 5, 2, 164-172.
- Pereira, J. E. D. (1999). As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente. *Educação e Sociedade*, 68, 20, 109-125.
- Reis, H. T., Sheldon, K. M., Gable, S. L., Roscoe, J. & Ryan, R. M. (2000). Daily well-being: The role of autonomy, competence, and relatedness. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26, 4, 419-435.
- Ryan, R. M. & Frederick, C. M. (1997). On energy, personality and health: Subjective vitality as a dynamic reflection of well-being. *Journal of Personality*, 65, 3, 259-565.
- Sauter, S. L. & Hurrell Jr., J. J. (1999). Occupational health psychology: origins, content, and direction. *Professional Psychology: Research and Practice*, 30, 2, 123-128.
- Solomou, W., Richards, M., Huppert, F. A., Brayne, C. & Morgan, K. (1998). Divorce, current marital status and well-being in an elderly population. *International Journal of Law, Policy and the Family*, 12, 3, 323-344.

Recebido em: 06/06/2005. Aceito em: 06/10/2005.

**Autoras:**

Sandra Souza da Silva Chaves – Mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Doutoranda em Psicologia Social e do Trabalho pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Patrícia Nunes da Fonsêca – Mestra e doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Professora substituta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba.

**Endereço para correspondência:**

SANDRA SOUZA DA SILVA CHAVES  
Av. Expedicionários, 850 – Bairro dos Expedicionários  
CEP 58041-010, João Pessoa, PB  
Fone: (083)3244-3317  
E-mail: sandrachaves@yahoo.com.br